

Autor | AuthorAlain Pascal Kaly*
alansanoli@gmail.com**A CONSCIÊNCIA NEGRA: PERIGOS OU SALVAÇÃO DA NAÇÃO?****BLACK CONSCIOUSNESS: DANGERS OR SALVATION OF THE NATION?**

Resumo: A humanidade presenciou a “criação” de três mapas do surgimento do ser humano: a) o surgimento do ser humano na África Oriental cujas caminhadas para povoar as diversas partes do mundo inauguraram a “primeira globalização”; b) a conversão do Constantino ao Cristianismo e a expansão do Cristianismo romanizado, que deslocou o mapa do surgimento do ser humano da África para o continente euro-asiático, ao mesmo tempo branqueando o ser humano e, finalmente, o terceiro e último mapa foi criado pelo navio negreiro a partir do século XV. Por isso que ter a Consciência Negra implicaria ter a consciência de pertencer à humanidade surgida na África; a unidade da raça humana/universal; ter a consciência do que a gênese histórica do monoteísmo judeu-cristão faz parte da história do continente africano e dos africanos brancos e pretos. E, finalmente, o negro criado pelas brutalidades coloniais – tráfico, escravização e colonização territorial – foi um dos pilares da modernidade do que se denominou hoje de mundo ocidental: as revoluções políticas, industriais, culturais e filosóficas.

Palavras-chaves: brutalidades coloniais, raças, consciências em gueto, universais.

Abstract: *Humanity has faced three ‘creation’ maps since the beginning of humankind: 1) the appearance of the first human being in East Africa, whose migrations in order to people the various parts of the world started the ‘first globalisation’; 2) Constantine’s conversion to Christianity and the spread of Romanised Christianity relocated the map of the origins of humans from Africa to the Euro-asiatic continent, meanwhile whitening humankind; finally, the third and last map was created with the slave ship as from the fifteenth century. In this way, having a black consciousness means having the consciousness of belonging to humankind as it appeared in Africa; to the unity of the human/universal race; and having the consciousness that the historical genesis of Judeo-Christian monotheism is part of the history of the African continent and of both black and white Africans. Finally, the black man generated by colonial brutalities - the enslavement, the slave traffic, and territorial colonisation - has been one of the pillars of what has been called today’s Western world: the political, industrial, cultural, and philosophical revolutions.*

Keywords: *colonial brutalities; races; ghetto and universal kinds of consciousness*

À pergunta, “pode-se viver sem identidade e sem passado?” Muitas pessoas riem enquanto outras ficam sem vozes. É verdade que primeiramente, a pergunta pode surpreender e até desestabilizar pois, se os historiadores nos impõem que é impossível viver sem o passado, os magistrados nos intimam de declinar nossa identidade, enquanto que a sociedade nos inculca que ela mesmo é somente uma floresta densa cuja cada árvore genealógica comporta vários indivíduos em forma de galhos. Tudo isso é conforme a uma certa realidade que não poderia ser confundido com a realidade. O desconhecido é a realidade de qualquer encontro. A priori, só se pode ter ideias (preconceitos, julgamentos, etc.) sobre o outro, a identidade, o passado, e a personalidade somente são conhecidos posteriormente. (...). Mas pode-se dizer “os pretos” como se tratava de uma espécie diferente, como se tratava de um conglomerado de indivíduos todos parecidos? Além disso, o que é um “preto”? O que um “Preto”? O que é ser um “Preto”? Quem são os “Pretos”? “Os Pretos” fazem parte da humanidade? Bassidiki Coulibaly (2006, 14-16). Tradução livre do autor.

Começarei por agradecer pelo convite e sobretudo a indicação do meu nome pela colega Aline Maia. Vou tentar fazer de tudo ao longo do texto para não a decepcionar.

Contudo, o texto vai ser a primeira tentativa de sistematização do novo caminho analítico que venho cavando para assim desconstruir alguns dos pilares das identidades mortíferas, como diria Amin Maalouf (1998). Por isso que trabalharei com longas durações não por um pedantismo barato, mas para evitar os perigos analíticos de focar a “África Atlântica”; quer dizer os pontos de partidas dos milhões de africanos transbordados para o Novo Mundo como diria Edouard Glissant (1996). Este contexto fez e continua fazendo acreditar que o continente africano é um continente exclusivamente de **pretos/as; de oralidade e de práticas “religiosas politeístas e pagãs”**. Um continente que não contribuiu em nada na civilização da humanidade.

A mulher africana foi a criadora da religião por isso que ela é a detentora do mistério divino. É por isso que toda a espiritualidade africana tem por sustentáculo a mulher. (THIEBEAUD OBOU, 2015, p. 224 - Tradução livre do autor).

Nayan Chanda (2011, p. 28) no primeiro capítulo intitulado “O começo africano” visa mostrar que independentemente dos diferentes fenótipos e, sobretudo da cor da pele, a existência de uma só raça humana:

Enquanto vagavam lenta e interminavelmente por planícies cobertas de gelo, estepes varridos pelo vento e montanhas nevadas, os aldeões perderem a aparência bronzeada. Os cabelos e os olhos mudaram de cor gradualmente, e até mesmo a for-

ma dos rostos e corpos foi transformada.

A citação contém várias informações, mas decidimos focar na principal delas: os seres humanos que começaram a caminhar para fora da África eram de cor preta e as mudanças foram acontecendo ao longo de milhares de anos e das diversas bifurcações geográficas e sobretudo das condições climáticas nos locais de sedentarização. Apoiando-se nesta reflexão, fica claro que as mobilizações políticas de lutas das pessoas, independentemente, da classe social, do gênero e especialmente da falsa pretendida raça, mas sobretudo da origem geográfica, deveriam focar no que diz respeito à humanidade e ao humanismo.

O trabalho de Chanda é inovador em termos de fontes e de análise por priorizar os trabalhos da ciência biológica. O mesmo pesquisador apoiando-se nos trabalhos pioneiros de Allan Wilson e de Rebecca Cann com as amostras de DNA mitocondrial (DNAmT) de placentas coletadas nos hospitais de vários países foram revelando que a África não foi somente o continente de partida do ser humano, mas também que a Mãe de todos os seres humanos era africana:

O resultado da pesquisa de Wilson e de Cann foi uma bomba. Reconstruindo a árvore genealógica humana de cinco populações geográficas, eles descobriram que todas as cinco eram frutos de uma “mulher que teria vivido há cerca de 200 mil anos provavelmente na África.” Inevitavelmente, embora enganosamente, a imprensa a chamou de “Eva africana”. Na verdade, como a definiu James Watson, ela foi a “tataravó de todos nós, que viveu na África há cerca de 200 mil anos. Ela obviamente não era a única mulher viva na época: apenas a de maior sorte, porque sua prole sobreviveu para povoar o mundo, enquanto a descendência de outras mulheres se extinguiu. Ou, em termos genealógicos, suas linhagens sofreram um “colapso de pedigree.” Filhos das três diferentes linhagens de filhas – identificados pelos marcadores de DNAmT L1, L2 e L3 – hoje povoam o mundo. Enquanto as duas primeiras linhagens são as principais responsáveis pela população africana feminina, todas as mulheres não africanas do mundo carregam em suas células a herança das duas filhas da linhagem L3 – M e N. (CHANDA, 2011, p. 34).

Para os fervorosos nacionalistas e os crentes ao pertencimento orgulhoso racial, o livro de Nayan Chanda torna-se emblemático na medida em que os resultados dos testes de DNA levam todos de volta ao primeiro ponto de origem do ser humano: o continente africano:

Os chineses se acreditam descendentes do lendário imperador Amarelo, que unificou as tribos da China no terceiro milênio. Jin e seus alunos saíram em campo e coletaram amostras de DNA de 10 mil homens. Não foi encontrado nenhum desses cromossomos Y nada incomum. “Nós procuramos”, disse Jin depois, “simplesmente não está lá.

Os homens modernos se originaram na África. (CHANDA, 2011, p. 34)

Dos movimentos migratórios para fora da África originaram as primeiras civilizações, práticas religiosas, normas de parentescos... Isso faz também com que a História da África é a única história da humanidade que qualquer pessoa em qualquer parte do mundo pode se reivindicar por ser descendente do que o próprio Chanda denominou como o “trem” da primeira globalização¹. Contudo, é fundamental destacar que se na atualidade tornou-se quase natural aceitar que os primeiros seres humanos que partiram da África eram de cor preta, na década de 1970, Cheikh Anta Diop enfrentou até a sua morte em 1987 o mundo científico ocidental que nunca acreditou naquela tese. Ele defendia que as condições climáticas naquela região não permitiam biologicamente que os primeiros seres humanos fossem de cor branca porque não teriam como suportar as radiações solares.

Partindo do trabalho de Chanda, como um ser humano deveria ser educado? Como Branco? Negro? Amarelo? Ou a educação em relação à consciência deveria ter como base a nacionalidade, o pertencimento étnico? Mas ao mesmo tempo como não ser educado como branco se isso é sinônimo de privilégios e de zonas de conforto material, cultural, epidermicamente, mental, emocional, psicológico e até juridicamente? Como não ter a consciência de índio, negro se isso por si só quer dizer um ser inferiorizado, subjugado e vivendo quase eternamente à margem em termos de cidadania? Contudo, é importante destacar que se todos os testes de DNA levam à unicidade de uma raça humana originária da África, mas também é, ao mesmo tempo, indispensável destacar que os livros sagrados (Torá, Bíblia e o Alcorão) das religiões ditas universais criaram raças cujos pontos de partida não seriam o continente africano como também a cor da pele não seria preta. Nos subconscientes a cor dos primeiros seres humanos criados por Deus (Adão e Eva) é branca e ao mesmo tempo os mapas dos espaços geográficos da criação foram drasticamente deslocados para fora do continente africano. Mas seria

1 Durante os debates calorosos sobre a aplicabilidade das ações afirmativas e as cotas no Brasil, a ciência biológica foi interpelada e fez o papel ideológico vergonhoso. Fizerem o teste com sambista e intérprete Neginho da Beija-flor do Rio de Janeiro e disserem que ele tinha mais DNA europeu que africano. O próprio que não tinha a noção do que estava em jogo gritou de alegria patética. Acontece que caso os mesmos cientistas tivessem feito os testes de DNA com qualquer branco brasileiro, o resultado o mandaria para o continente africano como o que aconteceu com os chineses orgulhosos das suas culturas milenares. Mas o pior foi o fato dos pesquisadores terem calado sobre a existência nas décadas anteriores de ações afirmativas e cotas para os brancos nas universidades públicas nos cursos de agronomia e veterinária: a chamada a Lei do Boi.

a verdade ou há leituras e interpretações ideológicas dos livros sagrados para expulsar mentalmente as pessoas não brancas e sobretudo de cor preta das áreas habitáveis por seres humanos descendentes das criações divinas? Seria então o título do livro de Serge Bilé – *Si Dieu n’aimait pas les noirs: Enquête sur le racisme aujourd’hui au vatican* – uma pura provocação analítica ou veicularia as verdades veladas, no entanto, fortemente pensadas e acreditadas?

Os acontecimentos políticos do Egito começavam a influenciar duradouramente a religião do país. Os sucessos militares do grande conquistador *Tutmés III* haviam feito do Egito uma potência mundial; o reino tinha anexado ao sul, a Núbia, ao norte a Palestina, a Síria e uma parte da Mesopotâmia. Este imperialismo refletia-se agora na religião, num universalismo monoteísmo. Uma vez que os cuidados do faraó, para além do Egito, se alargavam agora para à Núbia e à Síria, também a divindade tinha de perder a sua limitação nacional, e assim como o faraó era o único dominador, não limitado, de todo o mundo conhecido dos egípcios, também a nova divindade dos egípcios tinha de adquirir essa característica. (SIGMUND FREUD, 1976, p. 49)

Há alguns anos atrás, fui procurado por uma colega na cantina do nosso instituto das humanas. Se apresentou e perguntou: “você é o professor de história da África?” respondi que sim e a sua segunda pergunta foi: “Dá aulas sobre as religiões africanas?” Respondia maliciosamente que não. “Que pena, teria sido a tua aluna” após essa frase, simplesmente, levantou, se despediu e foi embora. Aquele encontro me marcou por me convencer de novo de que a referida África ou as referidas África(s), como dizem os grandes “especialistas” é aquele continente cuja História começou com a chegada do europeu no século XV. É a África da oralidade, das magias e das práticas religiosas selvagens e sobretudo do Candomblé cultuado em todo o continente.

Anos depois, no de mês de agosto de 2017, por estar vestido aquele dia de “roupas africanas”, fui abordado por uma estudante negra que usava todos os guias dos seus santos e vestida de branco. No que para mim era somente minhas roupas como quaisquer outras roupas, ela via nisso um comum pertencimento religioso de matrizes africanas. Fiz um leve sorriso e continuei minha caminhada. Para aquela estudante, e que não deve ser a única, o continente africano é exclusivamente a África Atlântica caracterizada por: religiões politeístas², oralidade e habitada somente por pretos. Muitos estudantes

2 Sobre esta temática ver a reflexão de Alain pascal Kaly (Da espiritualidade à fé na África Ocidental: os “dilemas” das sociedades “animistas” no mundo moderno). In: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos/ALAIN-artigo.pdf>

orgulhosamente católicos e muçulmanos oriundos de diversos países africanos costumam, por falta de uma sólida formação, ratificar e legitimar essas “verdades científicas” sobre a adoração de múltiplos deuses na África. A presença de diversas igrejas cristãs de variadas denominações naquele África desconhecida do Cristo morto para salvar os homens, da sua palavra e do Deus único tornou-se uma das mais lucrativas industrial. Ser divinamente escolhido para ser missionário – “levar a palavra de Deus para aquele continente sofrido” – naquela África virou uma das mais lindas dádivas divinas que Deus pode conceder a um homem ou a uma mulher de Deus³.

Sigmund Freud no seu livro *Moisés e o monoteísmo* inaugura um debate exigindo muitos cuidados analíticos: a origem africana do monoteísmo. O pensador salienta que contrariamente ao “cientificamente” naturalizado, o povo hebreu descobriu o monoteísmo no Egito. E que foi o Moisés um egípcio que teria introduzido as suas práticas monoteístas aos hebreus. Segundo Freud, Moisés para ter acesso a este monoteísmo inaugurado pelo faraó Akhetaton conhecido por Aton devia pertencer a alta elite da esfera real. Ora, a decisão radical de Aton de cultuar um só Deus com o seguinte hino: “Ó tu, deus único, junto do qual não há outro”, provocou insatisfações generalizadas nas classes dos sacerdotes e de todos os grandes especialistas dos cultos dos numerosos deuses egípcios e também da própria população. Além da religião monoteísta, Moisés, segundo Freud teria também introduzido a circuncisão que era uma prática na antiguidade exclusivamente egípcia. É importante salientar que quando se interpela analiticamente o Antigo e o Novo Testamento, algumas passagens recolam o continente africano no berço da religião judeu-cristã. Segundo o Antigo Testamento, no Jardim do Éden, quer dizer a Casa de Deus, havia um rio para regá-lo. Ele era dividido, segundo a Bíblia, em quatro braços: Fison era o primeiro que passava por Hévilá, o segundo braço do rio era Geon que circundava toda a região de Cush, o terceiro é o rio Tigre e o último era o Eufrates. Coincidentemente, os quatro rios faziam parte do domínio territorial egípcio. Percebe-se que geograficamente o que é na atualidade a Europa ideologicamente berço do Cristianismo não fazia parte da Casa de Deus. Como explicar então o deslocamento geográfico, ideológico, emocional e mental não somente dos mapas da cristandade do continente africano, mas também a *desumanização* e a expulsão de seres humanos de cor preta da Mesa da Ceia dos Humanos?

3 Muitas igrejas evangélicas brasileiras estão trazendo jovens daquela África sofrida por desconhecer o Cristo e sobretudo a palavra de Deus como amostras do sucesso do trabalho civilizacional. Novos formatos, clichês do século XIX. Vide o excelente romance de Ferdinand Oyono: *Le pauvre Christ de Bomba*.

A segunda passagem da Bíblia que recola mais uma vez o continente africano no cerne do Cristianismo ocorreu com o exílio sugerido por Deus em sonhos a José e Maria para fugir com o menino Jesus para o Egito onde ficaram até a morte do rei Heródoto. Mas porque Deus teria mandado José, Maria e o menino Jesus/hebreus para voltar às terras cujos seus ancestrais foram escravizados? Seria para que o menino Jesus possa enraizar no ponto de partida do monoteísmo e a árvore genealógica de Moisés? Freud afirma que, no tempo de Aton, se entonava este hino: “Ó tu, Deus único, junto do qual não há outro.” Apoiando-se no trabalho de Freud e mais tarde de Cheikh Anta Diop (*Nation nègres et culture*) e da Bíblia, vai ficando claro que contrariamente ao veiculado, afirmado pelos estudantes africanos orgulhosamente cristãos ou muçulmanos, os pregadores de ambos os sexos espalhados naquela África ou trazidos para o Brasil, o continente africano constituiu um dos pilares principais das religiões monoteístas (Judaísmo e mais tarde o Cristianismo). É importante também salientar que o Islã ao chegar na África no século VIII toma novas reconfigurações e que foram os convertidos africanos que colonizaram o mundo ibérico durante quase oito séculos. Foram eles que introduziram as plantas da cana de açúcar e do café domesticado na Etiópia como também as técnicas de produção do açúcar e do café⁴.

Pode-se dizer que o Judaísmo e o Cristianismo fazem parte da historiografia do continente africano e dos africanos. A historiografia do Judaísmo e dos hebreus é também a historiografia do continente africano como também a historiografia do mesmo continente é também a historiografia dos hebreus/judeus. As diásporas africanas podem e devem também se apropriar desta historiografia do Judaísmo-cristão e do Cristianismo por fazer parte do patrimônio cultural e civilizacional deles devido ao lugar central que o continente africano e os africanos ocuparam durante os processos de estruturação e consolidação destas religiões monoteístas. Por isso que não me encontro naquela África ou África(s) que a minha colega, aquela aluna negra e os grandes “especialistas” das culturas e das religiões africanas querem me aprisionar em termos de identidades e dos Deuses.

Mas é importante destacar que os grandes “especialistas” dos africanos e do continente africano continuam organizando palestras e seminários sobre a chegada dos portugueses e a expansão do cristianismo: as missões. E porque há, ainda, a insistência do que o cristianismo chegou à África com a chegada dos europeus no século XV? O que estaria em jogo ao apagar o continente africano dos mapas da cristandade? Limitações em cultura histórica ou trabalho ideológico bem estruturado

4 Sobre isso ver o trabalho de Alain Pascal Kaly (2016).

tendo por finalidade legitimar um dos pilares da escravidão e da colonização? Fazer o negro brasileiro acreditar que a África Atlântica não teria nada a ver com as religiões monoteístas que teriam surgidas no mundo?

Dominique Arnaud no seu livro - *Histoire du Christianisme en Afrique. Les sept premiers siècles* – e George Jehel no seu artigo – *Les étapes de la disparition du christianisme primitif en Afrique du Nord à partir de la conquête arabe* – e Robin Daniel – *L’héritage Chrétien en Afrique du Nord. Une étude historique à partir du premier siècle jusqu’au Moyen Age* – salientam que as práticas do cristianismo sempre foram presentes em diversas partes do continente desde o seu início. Entretanto, segundo Robin Daniel (2008) e Georges Jehel, os estudos tendem a situar o cristianismo quase que exclusivamente na parte do norte do continente – a “África Branca” – ora as práticas do cristianismo chegavam até as fronteiras do deserto do Saara. Contudo, é importante salientar que fazer do deserto do Saara uma fronteira intransponível entre a África Atlântica e a África “branca/árabe” foi e continua sendo de ordem puramente ideológica.

O cristianismo faz parte do rico patrimônio norte-africano, as pregações do Cristo já eram conhecidas e aceitas no continente bem antes que o seu ensinamento chegue à Europa do Norte, na América e no Extremo Oriente. De fato, cinquenta anos somente após o sermão que o Cristo pregou na montanha, o Evangelho já tinha enraizado no solo da África do Norte: era a fé vulnerável de uma minoria perseguida. [...] Os governadores e os magistrados romanos faziam de tudo para acabar com a igreja, com os responsáveis cristãos e forçar os praticantes a realizar os cultos pagãos. A fé sólida e as atitudes cristãs materializadas fizeram com que no Terceiro século após Jesus Cristo, boa parte da população do que corresponderia na atualidade da Tunísia, da Argélia, da Líbia e do Marrocos foram reconhecidas como sociedades cristãs. (ROBIN DANIEL, 2008, p. 7)

É importante salientar, como bem defende Samir Amin (1985) e Boubacar Barry (1985), que o aquele deserto nunca foi uma barreira intransponível. Bem antes da era cristã, já era um espaço de intensos intercâmbios por constituir grandes rotas comerciais. Ora, os produtos comerciais sempre trouxeram consigo as práticas culturais. Por que o cristianismo cultuado na África do Norte não poderia se expandir via as rotas comerciais para outras partes do continente? E contrariamente ao veiculado por intelectuais nortes-africanos e muitos africanistas, o norte do continente era e continua sendo habitado por africanos de cor branca e de cor preta e judeus brancos africanos.

Freud salienta que o Egito era a maior potência mundial

cuja extensão territorial envolvia grande parte do que é conhecido na atualidade como Ásia e o Oriente. Contudo é importante destacar que o Egito faraônico era também a potência das ciências. Cheikh Anta Diop (1981), Theophile Obenga (1990) e Yoporeka Somet (2005) vão mostrando que os grandes pensadores gregos (PYTHAGORE de Samos, Thalès de Milet, Platon, Xenophane de Colophon, Anaxagore de Clazomènes, Héraclite d’Ephèse...) passaram anos no Egito para aperfeiçoar suas respectivas formações. J.R. Harris (1993) salienta que Homero relatava que os egípcios já praticavam uma medicina sofisticada como também tinham um o conhecimento aprofundado e diversificado das drogas. Isso mostra que quando Freud destaca que o Egito era a maior potência, não se referia somente à potência militar, mas sim ao seu desenvolvimento em diversos setores do conhecimento científico, o seu arquivamento com a criação da primeira biblioteca da humanidade e também cultural. Emanuel Araújo, no seu livro *Escrita para a eternidade*. A literatura no Egito Faraônico, afirma que já existiam os seguintes gêneros literários: fantástica, aventura, dramática, crítica, gnômica e lírica. Ora, lendo atentamente o livro, o leitor vai percebendo que Araújo não pretende somente introduzir para os universitários brasileiros alguns dos textos clássicos do Egito faraônico, mas fazer um trabalho de descolonização mental deslocando geograficamente da Grécia e de Roma os gêneros literários atribuídos aos pensadores destas localidades da Europa. Isso ajuda desconstruir as crenças assentadas em todos os sentidos segundo as quais o continente africano é exclusivamente a “terra” da oralidade e do animismo.

Michel Onfray⁵ (2017, p. 119), no seu livro que parece exclusivamente focar analiticamente como se inaugurou o longo processo que lançaria os pilares da decadência do mundo ocidental, fornece ao mesmo tempo as fontes da especificidade do Cristianismo que retirou ideologicamente do mapa não somente o continente africano, mas também os não brancos da mesma religião. O mesmo pensador afirma que foi Diocletien quem primeiro começou a sacralizar o poder romano: raras aparições em público, intervenções majestosas, as pessoas tinham que ficar prostrado diante do rei e as pessoas beijando o seu manto. Ele fez do latim a língua oficial do império. “Não se submeter a estas marcas de subjugação transformava a pessoa em suspeita. Tudo para o Cristo deles, os cristãos negam de se submeter a essas manifestações de fidelidade ao poder temporal imperial.” É necessário destacar que os primeiros mártires

5 Agradeço carinhosamente minha colega e amiga Luciana G. Mendes que me trouxe e me ofereceu o livro.

cristãos eram africanos: Perpetue, Felícia, Satorus, Saturninus e Revocatus de Cartago⁶. Onfray (2017, p. 121) salienta que a perseguição contra os cristãos se deveu ao fato, segundo as autoridades romanas, de que estes se posicionavam pela “negação de ser membros da comunidade civil, cívica e não se sentir membros do que será denominada mais tarde de Nação.” Por isso que a conversão de Constantino, segundo Onfray (2017, p. 132-133), seria puramente por estratégia militar. Mas ao mesmo tempo, ela inaugura os processos do que viria a ser a branquidade por proporcionar um duplo deslocamento dos mapas da cristandade: a) Roma torna-se a capital do cristianismo e responsável da sua expansão; b) ao se fazer confeccionar uma cruz dá início à arte cristã; c) sacraliza e sobretudo politiza o Cristianismo e finalmente faz da nova religião uma religião belicosa que lança algumas das bases dos processos de hierarquização das pessoas, das línguas, das culturas, das nações... Pode-se matar os não cristãos em nome de Deus. Práticas estas que foram usadas séculos depois nas Américas a partir do século XV e diversas partes do mundo majoritariamente contra os povos ditos pagãos:

Aí porque, tomando todos os cuidados para não ser batizado, o que seria a marca cristã da conversão da religião cristã, mas foi somente no seu leito, algumas horas antes da sua morte, no dia 22 de maio de 337, Constantino aceita o batismo não somente como um seguro-vida pessoal e espiritual para o Além, mas como uma garantia política do ser, da duração e da perenidade da sua obra histórica. Ao se converter, ele converte o império; convertendo o império, ele mata Roma e ele sabe disso porque ele cria Bizâncio; matando Roma como centro do mundo, ele cria a civilização judaico-cristã que ele deseja estender ao mundo; agindo desta forma. Ela dá o impulso do que viria a ser o Ocidente. O Baixo-império sobreviveu, não houve a antiguidade tardia, mas um colapso daquela civilização criada por Romulo e Remo em 733 antes da era cristã. Da Roma palatinal de 753 antes do Cristo à Roma de Milão em 313, via a República de César e o império de Augusto, Roma sobreviveu onze séculos. [...] É o início festivo inaugural e fundador da nossa civilização judaico-cristã. (ONFRAY, 2017, p. 132-133 - tradução livre do autor)

A reflexão de Onfray traz numerosas informações que deveriam ser analiticamente exploradas, contudo as principais são: o deslocamento definitivo e o assentamento do mapa da cristandade na Europa inaugurando assim: “Nós os civilizados e eles”; os processos de hierarquizações e da sacralização das Línguas e línguas, das Religiões e religiões, dos Costumes

6 Santo Maurício era um soldado cristão copta de Tebe/Egito morto no terceiro século por recusar em nome da fé cristã de matar os recentes convertidos ao cristianismo no norte das Alpes. Ele é muito celebrado em vários países da Europa. Será que se sabe que ele era negro?

e costumes, das Civilizações e civilizações, das Pessoas e pessoas baseadas na fé praticada e nos fenótipos. Foi este cristianismo belicoso que balizou os caminhos e as “raças” que o Navio Negroiro pavimentará legitimamente séculos depois. Foram os pontos de partida dos escravizados africanos para o Novo Mundo que denominei da África Atlântica. Não seria o cristianismo belicoso de Paulo, de Constantino e dos “descobridores” das Américas que lançaram as bases das lutas por procurar e fomentar as consciências de gueto; supra nacionalistas, as consciências mortíferas como diria Amin Maalouf por centrar nos falsos pertencimentos comuns raciais, religiosos, “nacionalistas”, étnicos e sociais em detrimento da unidade da raça humana como bem apontou Nayan Chanda em nome dos interesses econômicos, ideológicos e sobretudo de poder?

A consciência negra é um estado de espírito e um meio de vida, o grito mais positivo emergido do mundo negro há muito tempo. Sua essência é a tomada de consciência pelo homem negro da necessidade de se organizar coletivamente com os seus irmãos contra a opressão deles – a pele preta deles – e de agir enquanto grupo a fim de se livrar das correntes que os mantêm numa condição de servidão perpétua. (STEVE BIKO, 2014, p. 141)

O século XV inaugurou uma nova era que vai (CHANDA, 2011) lançar as bases dos reencontros brutais e desumanizantes de primos separados há milhares de anos desde a saída da África das primeiras levas de seres humanos que deixaram aquele continente para povoar a humanidade. Nos séculos seguintes milhões de africanos mas também de plantas, aves, nozes, grãos, animais, árvores, técnicas, tecnologias e saberes... foram transplantados para o Novo Mundo (JOSEPH E. INIKORI, 1976, 2002; PAUL GILROY, 2001; MARCUS REDIKER, 2011) cujos lucros das vendas e dos trabalhos nas *plantations* constituírem os principais pilares das revoluções (ERIC WILLIAM, 2012; BOUBACAR BARRY, 1988; EDOUARD GLISSANT, 1996; C.L.R. JAMES, 2012; CLAUDE RIBBE, 2008) culturais, demográficas, linguísticas, religiosas, políticas no contexto das revoluções americana e francesa, econômica e industriais. O que estaria ideologicamente em jogo para que os “grandes” historiadores – Thompson, Eric Hobsbawm ... – nunca relacionaram as revoluções industriais, a formação da classe operária, a revolução americana e francesa com a escravidão?

Os mares e o Oceano Atlântico passaram a ser pontes de intercâmbios forçados ou voluntários interligando e ligando o Novo Mundo, a África e a Europa. Por isso que o capitalismo nasceu das entranhas nauseabundas do navio negroiro que carregava também as crenças ideológicas da existência das raças e sobretudo suas hierarquizações (DAVID ROEDIGER,

1994) já lançadas e disseminadas pela religião judaico-cristã desde a conversão do imperador romano Constantino no século IV. Mas, Edouard Glissant chama bem atenção do que foi do *gouffre* que nasceu o tudo-mundo que possibilitou brotar as identidades imprevisíveis e inesperadas das quais deveria surgir as consciências universalistas, a beleza do mundo e humanistas, como defendeu Léopold Sédar Senghor (1969).

A partir do século XIX, novas ciências (História, Antropologia, Etnologia sobretudo) foram criadas e interpeladas pela própria Europa (FIRMIN, 2003; NGOENHA, 2014) para legitimar a excepcionalidade da “raça branca” e da civilização euro-americana em relação às ditas civilizações não brancas e sobretudo não-cristãs. Estes contextos sócio-políticos brutais e ideológicos foram cavando e gravando nas mentes e marcas visíveis e invisíveis nos corpos e nos planos psicológicos e psíquicos crenças inabaláveis da necessidade de mobilizações políticas em nome da consciência racial, étnica, de classe e de gênero em detrimento da unicidade da humanidade e do humanismo por impossibilidades emocionais, epidérmicas e psicológicas de compartilhamentos com a cultura do outro, das diferenças do outro, das opções sexuais do outro, das práticas religiosas do outro e sobretudo na incapacidade de tocar e olhar carinhosamente e respeitosamente o outro⁷. Por isso que concordamos com Senghor quando salienta que o maior problema da segunda metade do século XX foi o subdesenvolvimento mental. Diante do acirramento de conflitos e de instabilidades sociopolíticas das nações, podemos sustentar que o subdesenvolvimento mental continua sendo uma das razões. “De onde vem o maior problema, definitivamente é o da cultura. Desta cultura que é simbiose: enraizamento em si e abertura para com os outros.” Ora, a incapacidade de tocar carinhosamente o outro, de compartilhar suas crenças religiosas, trocar... constitui a materialização do subdesenvolvimento mental. Ora, trabalhar exclusivamente em prol da consciência negra, branca, indígena, amarela visaria impossibilitar o surgimento do que Glissant denominou da filosofia da relação e Senghor da civilização do universal.

Mas como não ficar atentado de enveredar filosoficamente e politicamente por este viés das identidades *guetizadas* com os perigosos becos sem saída quando a pessoa ou o grupo é o produto do ato de nomear, como diria Lavou (2004)? Ele defende que nomear é um ato de violência simbólica porque as categorias usadas trazem consigo o poder de subjugar, hi-

erarquizar e classificar. O “negro” e o “índio” no caso do nosso interesse são, segundo o mesmo pensador as identidades pré-construídas ideologicamente e historicamente:

“A gênese histórica destas duas categorias (Índio e Negro) está bem conhecida para que não se pode perder tempo. Elas são na realidade atreladas à história política e econômica da colonização e da escravidão (XV-XIXe. séculos).

E como trabalhar então uma consciência negra na medida em que já veio negativada e imposta? Neste caso, a consciência negra visaria em primeiro lugar fornecer as condições intelectuais, psicológicas, psíquicas, emocionais e culturais para que os ideologicamente enclausurados desumanamente se livram das diversas formas de complexo de inferioridade imposta; da insegurança, da autoestima baixa, das correntes mentais que lhes incapacitaram de transpor mentalmente, psicologicamente e psiquicamente as fronteiras invisíveis e visíveis. Essas condições que aprisionam atrofiam ao mesmo tempo a mente e as capacidades racionais que tornam quase impossível o surgimento de pensadores, de gestores, de cientistas⁸, de políticos, de visionários e de inovadores excepcionais capazes de mudar drasticamente os rumos dos seus respectivos países e do mundo por causa da cor da pele, da religião, do grupo étnico, do sexo, da opção sexual... Caso isso seja a principal finalidade do trabalho em prol de uma consciência negra, é importante mencionar que o resultado visaria recolocar o grupo na Mesa da Ceia dos humanos na qual os intercâmbios e os compartilhamentos das riquezas culturais levaria o Estado para seguros caminhos da democracia e da estabilidade sociopolítica. Contudo esta democracia somente pode ser atingida quando, segundo Steve Biko (2014, p. 88) os oprimidos passam a não ser somente visibilizados esporadicamente, mas sim tendo efetivamente uma participação concreta nos rumos do país. Ao reunir as condições para que cada cidadão possa se emancipar plenamente, o Estado ou a Nação somente poderia se construir havendo capacidades naturalizadas de compartilhamento das diferenças impulsionando sempre irremediavelmente a abertura dos seus cidadãos como do próprio Estado e da Nação⁹. Contudo, é importante salientar que o sucesso desta empreitada passaria obrigatoriamente pela profunda reformulação do

7 Há no Brasil, posso generalizar, um medo ou a incapacidade epidérmica de sentar num transporte público ao lado de uma pessoa de cor preta de sexo masculino. Até o outro preto evita sentar ao lado de um outro preto.

8 Vide o excelente livro de Margot Lee Shetterly, *Estrelas além do tempo* (2017).

9 Há alguns anos atrás, o trabalho de Axel Honneth – luta pelo reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais – foi por modismo usado para analisar as lutas dos movimentos sociais negros, contudo analiticamente ele não atende por não poder abarcar as importância destas lutas nos alargamentos das fronteiras da democracia.

sistema educacional: “A história de um povo, o seu passado, a visão que este povo tem de si e as esperanças que ele deposita no seu futuro estão sempre interligadas” (BIKO 2014, p. 88).

Caso contrário, há atrofiamento e regressão doentia dos indivíduos e instabilidades sociopolíticas do Estado e da Nação. No contexto brasileiro, a consciência negra seria de fundamental importância caso ela torne-se uma alavanca para implodir as minis barreiras, minis fronteiras institucionalmente e ideologicamente plantadas para criar e consolidar as zonas desumanizantes e as prisões identitárias como diria Bassidiki Cloulibaly (2006). Somente assim, os membros destes grupos poderiam iniciar os processos mentalmente sadios de abertura ao outro iniciando assim o processo da reconciliação da nação e a sua abertura ao mundo.

Ao longo dos processos das independências das Américas, exceção do Haiti, leis jurídicas, crenças ideológicas “cientificamente fundamentadas” nas Ciências e na religião judaico-cristã, as normas políticas foram sendo elaboradas e institucionalizadas para a constituição de sub-humanos vivendo somente nos territórios dos seus respectivos Estados. Contextos esses que vão ser as marcas que assolaram ao longo do século XX o negro em vários países das Américas e fortemente no Brasil, mas de uma maneira sofisticadamente elaborada para que os cortejos dos processos desumanizantes e cotidianamente brutais e brutalizantes pareçam erros colaterais sem gravidades.

O fim da Guerra Fria materializado pela queda do Muro de Berlim, o do *apartheid* na África do Sul e a eleição democrática de Nelson Mandela à presidência da república em 1994 proporcionaram drásticas mudanças positivas na geopolítica diplomática, militar, cultural, comercial e nas relações bilaterais. Contudo, os discursos de Mandela sobre reconciliação, a justiça social e o resgate da dignidade humana deslocaram drasticamente os parâmetros balizadores das políticas internas do futuro dos estados-nações. Apoiando-se às reflexões de Severino Elias Ngoenha (2014, p. 7), podemos sustentar que o cerne da agenda política de Mandela tem a ver com o lugar que a sociedade deveria ocupar no que diz respeito às primazias políticas do Estado em termos “da realidade política, jurídica, econômica, social, educativa e cultural”.

A nova conjuntura e configuração da geopolítica pós-Guerra Fria fez com que as eleições democráticas passassem a ser a norma mais defendida, mas, sobretudo as lutas dos grupos sociais e raciais mais visíveis e visualizadas no Brasil pela democratização do acesso às políticas públicas fossem se tornando algumas das marcas irreversíveis dos novos processos

democráticos. Foram e continuam sendo as conquistas destas lutas que estão colocando o país nos melhores trilhos da democracia como também forçando os acadêmicos tradicionais e clássicos a readequar os conteúdos e as bibliografias das suas disciplinas a formar cidadãos pilares da estabilidade política da nação.

As pressões políticas dos movimentos sociais dos grupos secularmente racializados, desumanizados e brutalizados pelas autoridades ao longo dos processos coloniais – os negros – não seriam agendas políticas readequadas aos novos formatos da governança democrática – justiça social, resgate da dignidade humana ou focos de instabilidades políticas da Nação?

Sendo uma construção socio-histórica como bem mencionaram Coulibaly, Lavou e todos os pensadores interpelados ao longo desta reflexão, ter a consciência negra implicaria então um profundo mergulho na historiografia da estruturação desta categoria. Mas ao mesmo tempo apreender como foram sendo balizadas as zonas da marginalização e até da exclusão da Mesa da Ceia dos humanos desde à conversão de Constantino ao Cristianismo. Ao focar a categorização do negro a partir do navio negreiro como também a construção positivada da consciência a partir do mesmo fato sócio histórico que mudou drasticamente a humanidade, indiretamente far-se-ia acreditar que a historiografia do negro começou no século XV.

O senhor Mandela é, por exemplo, um dos homens mais admirados deste planeta, sua audiência simbólica é incomparável, ela, portanto, não mudou em nada aos racismos dos racistas do mundo, não somente os mais virulentos, mas também os mais hipócritas e insidiosos. Para estas personalidades internacionalmente mediatizadas, estrelas de cinema, da música, grandes pensadores internacionalmente conhecidos, ministros e secretários de estados, governadores de federações, os deuses do esporte, estão tão admirados pelos mais racistas que os outros admirados, (é o que se poderia chamar de a lógica ou a síndrome dos gladiadores e dos mercenários, admirados e odiados), e não modificaram nada nas mentes doentes. [...] Neste caso do senhor Mandela, como no caso de vocês, o símbolo se eleva, portanto, capital, não somente pela razão que ele pode diretamente mudar as coisas, mas porque ele permite apontar intensamente tudo aquilo que foi e que poderia ter ainda de doentio e de insuportável nas relações entre humanidades, todas as vezes que elas se agregam em corpo coletivo. (EDOUARD GLISSANT, PATRICK CHAMOISEAU, 2009, p. 13-14 - Tradução livre do autor)

Tentei ao longo da minha reflexão mostrar como ao longo da historiografia do ser humano/de uma raça humana única e como o Ocidente ao criar os novos mapas das religiões monoteístas (Judaísmo-cristianismo e depois Cristianismo)

criou automaticamente a principal Raça, as principais Línguas, as principais Culturas e Civilizações, os principais espaços geográficos da racionalidade, da beleza, da humanidade. E ao longo de séculos, o mesmo Ocidente e os pensadores ocidentalizados do Novo Mundo e as novas ciências fizeram árduos trabalhos de colonização mental para o deslocamento ideológico dos mapas tornarem-se emocionalmente, mental, psicologicamente e epidermicamente naturalizado e erigido em verdades canônicas. Concordo com Jack Goody (2006) quando sustenta que os cientistas sociais sempre trataram periféricamente a importância das práticas religiosas na vida cotidiana das pessoas e também dos Estado. Foram elas que balizaram e lançaram as bases canônicas das categorias negativadas dos não brancos e sobretudo do Negro e do Índio. De tal forma que os trabalhos sobre a tomada de consciência negra passaria inevitavelmente pela apreensão do papel desempenhado pelo cristianismo belicoso nascido da conversão de Constantino mas ao mesmo tempo a desconstrução das raças criadas a partir disso obriga a partir dos primeiros mapas do Judaísmo, do Jardim de Éden, do exílio de José, Maria e do menino Jesus Cristo mas também dos progressivos deslocamentos dos mapas do Cristianismo na África Oriental (caso da Etiópia) e da África do Norte e ao longo do deserto do Saara, dos primeiros martírios cristãos africanos e finalmente apreender analiticamente as diferenças entre o Cristianismo imperialista do Ocidente como diria Onfray e o cultuado no continente africano.

Diante disso, fica claro que não se poderia apreender analiticamente as estruturas sociopolíticas, ideológicas, emocionais, psicológicas, jurídicas, culturais, econômicas, filosóficas, econômica e tecnológicas da modernidade ocidental e a ocidentalização do mundo sem analisar conjuntamente com a nova história ideológica da construção identitária do negro e sobretudo do branco. A história do negro nesta conjuntura e as configurações feitas pelo Ocidente é a história do mundo cujas estruturas foram inauguradas bem antes do século XV contrariamente ao que bem salientou Tony Martin como também muitos outros pensadores do Mundo Atlântico e da África Atlântica. É importante mencionar que muitos intelectuais e as lideranças dos movimentos sociais negros tenderem e ainda tendem a focar suas lutas exclusivamente nos efeitos negativos desta “raça” negra sem mostrar que suas lutas visam na realidade colocar o Estado nos trilhos da democracia, e sobretudo evitar futuras instabilidades sociais, políticas até religiosas da nação decorrentes do escalonamento da cidadania na base das crenças sobre a hierarquização das “raças.”

No mês de agosto de 2017, a UNESCO convocou um

seminário internacional para discutir o papel que as Ciências Humanas devem desempenhar para salvar a Humanidade e o Humanismo. A história do livro de Amadou Hampaté Ba traz no seu livro – *Il n y a pas de petites querelles* – se enquadra perfeitamente no que diz respeito aos cuidados que devemos observar quando se trata de identidades estanques.

Antes de viajar, um senhor chamou o seu cão e lhe ordenou de tomar conta da sua mãe doente. Ficar em frente da porta da casa e não deixar ninguém entrar para atrapalhar o seu descanso. Não demorou e o cão percebeu que havia um lagarto fazendo barulho dentro de casa. Vendo o cavalo passar, o cão lhe chamou e pediu para este entrar e retirar o lagarto dentro de casa. O cavalo diz: “eu puro sangue, não me meto com isso, não é da minha conta. Isso é o trabalho de um cão” e continuou o seu caminho. Apareceu, um bode e o cão fez o mesmo pedido e foi esnobado pelo mesmo. E finalmente, um galo que teve a mesma reação de que os outros membros da família. De repente, o lagarto despencou e caiu e derrubou a lâmpada que quebrou e o fogo se espalhou rapidamente e a mãe do dono da casa teve o corpo profundamente queimado. Quando o médico chegou, diz que precisaria das penas do galo para tratar a mulher. As pessoas pegaram aquele galo e mataram para poder fazer o tratamento, mas a senhora não resistiu aos ferimentos e morreu. Antes de ser morto, o galo falou: “Se eu tivesse feito o que o cão pediu não estaria agora nesta situação.” Após uma rápida reunião, decidiu-se ir avisar o filho do falecimento da mãe. Um rapaz foi chamado e saiu disparado com o cavalo. Fez a ida e a volta sem deixar o cavalo descansar. Quando voltou, desceu do cavalo que caiu no chão de tão cansado. No dia do enterro, precisava matar o bode. Cada membro da família repetiu a mesma frase que a do galo.

Mas o que Ba pretendia trazer como debate com esta história? Cada história possibilita várias interpretações, isto é, seguindo nossa análise sobre a consciência negra no Brasil, diremos que o conto aponta os perigos que corre um Estado, uma Nação quando cria condições para que os seus membros não consigam transitar com leveza de uma consciência identitária a outra. Mas para que os cidadãos possam transitar de uma identidade a outra, seria preciso que o ensino formal da história da Nação coloque no mesmo patamar as contribuições de cada grupo componente da identidade nacional.

Ora, quando mergulhamos atentamente nos interessantes trabalhos de Ciro Flamarion Cardoso que formou mestres e doutores sobre história clássica, vemos que ele trabalhou com os mapas do mundo ocidental que retirou o Egito Faraônico do continente africano para pô-lo num continente ideológica-

mente fantasiado: O Oriente Próximo. Com isso, o professor que deveria ser um educador preocupado em não hierarquizar as histórias e sobretudo não consolidar e legitimar a branquidade num país erigido das brutalidades coloniais acabou sendo um dos maiores ideólogos da negação das contribuições do continente africano na civilização da humanidade. É importante salientar que Ciro não é o único porque os grandes “especialistas” da escravidão no Brasil e da história das Américas não conseguem nos seus trabalhos estabelecer a estreita relação entre a escravidão e o surgimento do capitalismo. Isso faz com que, os brasileiros negros tenham a vergonha da história dos seus ancestrais e o ser negro passa a ser um peso vergonhoso. Mergulhando nos programas de Ciências Sociais, a constatação é a mesma. Apoiando-se nos conteúdos das ciências humanas no Brasil, fica claro que os professores universitários seriam os primeiros artesãos que fornecem matérias primas para a confecção mental, epidérmica, psicológica e psíquica das identidades estanques e ao mesmo tempo dos complexos de inferioridade e baixa-estima¹⁰.

A consciência negra será de uma grande contribuição caso seja canalizada para as transformações profundas sociopolíticas e jurídicas levando as autoridades a mudar as estruturas arcaicas do Estado, protetoras das zonas de conforto da branquidade. A mesma consciência, porém, adivinhará após uma educação formal inclusiva desde a maternidade até a universidade e apontando à consciência branca de que todos os seus privilégios naturalizados constituem um tremendo perigo para o bom funcionamento de uma sociedade democrática. Contudo, a mesma consciência poderia vir a se tornar um perigo à nação, caso vá na mesma direção que a eternizada consciência branca. Bem trabalhada e usada, a consciência “étnica” ou etnicizada pode ser uma grande alavanca para uma melhor democracia. Para salvar a humanidade e o humanismo, como vem a Unesco procurando as soluções, seria importante recolocar os traçados dos mapas das religiões monoteístas judaico-cristãs propositalmente deslocados para a Europa Ocidental.

As atitudes da minha colega e da aluna com os seus guias me fazendo acreditar que o continente africano é exclusivamente um continente de práticas religiosas “animistas”, po-

10 Ao ler atentamente o livro de Marina de Mello e Souza – Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de rei Congo – vai ficando claro que o cristianismo chegou na África com os portugueses. Ela passa completamente em silêncio os longos séculos do cristianismo na África como bem salientou Arnaud Dominique. Como explicar isso do trabalho de Marina? Será que se esqueceu, como esquecerem Thompson e Eric, o caso da formação da classe operária na Inglaterra e das revoluções?

liteístas, não seria a visão de um continente eminentemente idealizado, mas ao mesmo tempo a materialização de um profundo desconhecimento das contribuições do continente africanos e dos africanos na civilização da humanidade? Não seria aí que morram os perigos neste tipo de consciência negra muito mais danosa para os próprios membros da comunidade implicada? A salvação da comunidade e do Estado não decorreriam de uma consciência negra focando o resgate do humanismo e da humanidade?

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. **Escrita para a eternidade**. A literatura no Egito Faraônico. Brasil: EdUNB, 2000.

ARNAULD, Dominique. *Histoire du christianisme en Afrique*. Les sept premiers siècles. Paris: Karthala, 2001.

BARRY, Boubacar. *La Sénégambie du XVe*. Au XIXe. Siècle. Traite négrière, Islam et conquête coloniale. Paris: L’Harmattan, 1988.

BERNAL, Martin. *Black Athena*. Les racines afro-asiatiques de la civilisation classique. Paris: Puf, 1991.

BIKO, Steve. **Conscience noire**. Ecrits d’Afrique du Sud, 1969-1977. Paris: Ed. Amsterdam, 2014.

CHANDA, Nayan. **Sem fronteira**. Os comerciantes, aventureiros e soldados que moldaram a globalização. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2011.

COULIBALY, Bassidiki. *Du crime d’être “noir”*. Um milliard de “noirs” dans une prison identitaire. Paris: homnisphères, 2006.

DIOP, Cheikh Anta. **Nations nègres et culture**. Paris: Présence africaine, 1979.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo**. Lisboa: Relógio d’Água, 1975.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.

GLISSANT, Edouard; CHAMOISEAU, Patrick. **Quand les murs tombent**. L’identité nationale hors la loi? Paris: Galaade, 2007.

- GLISSANT, Edouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.
- GOODY, Jack. *L'Islam en Europe*. Histoire, échanges, conflits. Paris: La Découverte, 2004.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed-PUC Rio, 2016.
- INIKORI, Joseph E. *African and the industrial revolution in England*. A study in international trade and economic development. Cambridge, 2002.
- JAMES. C.L.R. Sur la question noire. Sur la question noire traite des noirs et les économies atlantiques de 1451 à 1870. In: *Unesdoc.unesco.org/images aux Etats Unis*, 1935-1967. Quebec: Ed. Syllepse, 2012.
- JEHEL, George. *Les étapes de la disparition du christianisme primitif en Afrique du Nord à partir de la conquête arabe*. In: <http://www.clio.fr/bibliotheque/pdf/pdf_les_etapes_de_la_disparition_du_christianisme_primitif_en_afrique_du_nord_a.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2016.
- HARRIS, J.R. Medicina. In: *O legado do Egito*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- KALY, Alain Pascal. *Da espiritualidade à fé na África Ocidental: os "dilemas" das sociedades "animistas" no mundo moderno*. Disponível em: <<http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos9/ALAIN-artigo.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2017.
- KALY, Alain Pascal. *Desprestígio racial, desperdício social e branqueamento do êxito*. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15160/8140>>. Acesso em: 2 out. 2017.
- NGOENHA, Severino Elias. *Filosofia africana*. Das independências às liberdades. Maputo: Ed. Paulinas, 2014.
- OBENGA, Theophile. *La philosophie africaine de la période pharaonique*, 2780-330 avant notre ère. Paris: L'Harmattan, 1990.
- ONFRAY, Michel. *Décadence*. Paris: Flammarion, 2017.
- RIBBE, Claude. *Os crimes de Napoleão*. Atrocidades que influenciaram Hitler. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ROEDIGER, David. *Towards the abolition of whiteness*. Essay on race, politics, and working class history. New York: Verso, 1994.
- SANTO, Moisés espírito. *Os mouros Fatimidas e as aparições de Fátima*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- SCHWARTZ, Stuart B. *Cada um na sua lei*. Tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico. São Paulo: Companhia das Letras/EdUSC, 2009.
- SENGHOR, Léopold Sédar. *Négritude, arabitpe e francité*. Reflexion sur le problème de l'aculture. Beyrouth: Dar Al-Kitab Allubnani, 1969.
- SHETTERLY, Margot Lee. *Estrelas além do tempo*. Rio de Janeiro: Balão Editorial, 2017.
- SOMET, Yoporeka. *L'Afrique dans la philosophie*. Introduction à la philosophie africaine pharaonique. Paris: Khepera, 2005.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio*. Assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780 -1945. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- VERGES, Françoise. *La mémoire enchaînée*. Questions sur l'esclavage. Paris, Hachette, 2006.
- ZOUNGBO, Victorien Lavou; VIGOYA, Mara Viveros (Org.). *Mots pour nègres et maux de noir(e)s*. enjeux sócio-symboliques de la nomination des Noir(e)s en Amérique Latine. Perpignan: PUP, 2004.

CURRÍCULO

* Doutor em sociologia. Professor de História Social e Culturas Africanas no Departamento de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Coordenador do Núcleo de Pesquisas da África Contemporânea (NUPAC) e membro associado do GRENAL. Presidente da ONG VIDA Brasil/Salvador. Dedico este artigo aos meus irmãos-filhos e filhos-irmãos: Léontine Kaly e Biagui Kaly. Agradeço a atenta leitura do amigo e colega Anderson Pereira.